

A TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E A UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Johan Konings SJ

O problema

Não pretendo aqui tratar exaustivamente a questão da teologia como ciência, o que ultrapassaria tanto o objetivo do artigo como a competência do autor. O objetivo deste artigo é apenas *abrir um diálogo* sobre o lugar da Teologia como ciência no universo do saber científico, na realidade brasileira.

O objetivo geral será, evidentemente, a compreensão do lugar, papel e método da Teologia no seu horizonte próprio. Concretamente, teremos presente o universo acadêmico brasileiro e, mais especificamente, o reconhecimento da Teologia no espaço das políticas e investimentos para o Ensino Superior no Brasil. Vale a pena investir intelectual e materialmente na Teologia, se há ciências que se apresentam mais leigas como a(s) Ciência(s) da Religião, a Filosofia da Religião e semelhantes?

O contexto brasileiro

As Ciências têm, no Brasil, reconhecidamente, um passado positivista, inspirada pela preponderância do Direito e pela ideologia do Progresso: Ordem

e Progresso. Na tradição positivista, ciência só pode ser o que é experimentável, quantificável, formalizável, reproduzível. Alia-se a isso uma tradição historicista, que acolhe como científico o que é documentado e descritível formalmente, explicando por causa e consequência os fatos históricos. O recente crescimento das Ciências Sociais, por vezes consideradas as Ciências Humanas por excelência ou mesmo *tout court*, não escapa desta matriz. O modelo predominante do saber é o do positivismo pragmático. O valor do saber é sua utilidade técnica ou política. Esta dimensão do saber não é condenável, desde que seja científica. Mas surge a suspeita de certa unilateralidade. Completando, cabe mencionar que o ensino técnico superior foi em grande parte incluído no sistema universitário, o que não deixa de ser, até certo ponto, um enriquecimento para a percepção do saber, pois a aplicação é muitas vezes a “prova dos nove” para o saber teórico.

Os outros “saberes” acantonados nos *campi* universitários são tolerados, considerados menos ou até não científicos. Penso, sobretudo, nos conhecimentos relacionados à literatura, à arte e mesmo, até certo ponto, à psicologia, na medida em que ela ouse introduzir conceitos como o sentido da vida e não se limite ao *behaviorism* ou a uma interpretação mecanicista e causal da psicanálise... É nesse cantinho “tolerado” que acampa também a Filosofia e, quando consegue sair dos seminários eclesiásticos, a Teologia. Verdade é que, ultimamente, em diversas universidades, inclusive públicas, a Ciência da Religião conseguiu abrir um espaço para si. Mas surge a pergunta sobre até que ponto este espaço é conseguido a preço de uma aproximação ao paradigma sociocultural analítico-descritivo dominante nas Ciências Humanas.

Quanto à Teologia mesma, haveria muito mais a observar do que aqui abordamos. Em primeiro lugar, a diversidade confessional e inter-religiosa. Pela necessária limitação, porém, colocamo-nos na perspectiva da Igreja católica e das Igrejas protestantes históricas. Destacamos então o nascimento de uma Teologia latino-americana, *grosso modo* identificada com a teologia da libertação. Em grandes linhas pode-se dizer que até o Concílio Vaticano II a teologia católica dominante era a da tradição escolástica e tridentina, com uma certa presença da nova teologia européia, que preparou o caminho para o que veio à tona no Concílio. Depois do Concílio houve a vontade determinada de pensar a teologia a partir da América Latina e de seus problemas. Esta é uma realidade que devemos levar em consideração ao refletirmos sobre o lugar da Teologia no nosso espaço cultural e acadêmico. É evidente que uma teologia pensada desde o chão brasileiro encontrará, no mundo universitário brasileiro, maior interesse do que um produto de importação providenciado por uma Igreja que, com toda a ambigüidade disso, era vista como concorrente do Estado quanto ao poder e moralizadora da população quanto à boa ordem.

A cientificidade da Teologia

Existem muitas tentativas de definir o que é “ciência”. Para o presente objetivo creio ser suficiente sublinhar duas dimensões do saber para que este possa ser chamado científico: a dimensão metódica e a crítica. À *dimensão metódica* atribuo a coerência interna – ou seja, a lógica do raciocínio – e a sistematicidade, – que consiste em ter um objeto material e formalmente definido e situado no conjunto do saber científico. A *dimensão crítica* se refere ao “saber do próprio saber”, ou seja, a reflexão sobre o valor epistemológico da ciência em questão.

Abordada deste modo, a Teologia como ciência deve ser distinguida da “fé” como adesão religiosa a assertos que não são, necessariamente, vistos nessa perspectiva de metodicidade e criticidade. Por isso, costuma-se considerar a fé como dado pré-científico da Teologia científica. Isso, porém, não quer dizer que a fé seja irracional. Se não tivesse uma dimensão de racionalidade, nem poderia ser objeto de uma abordagem racional como se dá na Teologia. A fé tem uma racionalidade não explicitada metodicamente. Ela é “razoável”, tem e faz sentido. Mas o saber metódico e crítico da fé, guiada pela razão no sentido mais estrito, pertence à Teologia. Podemos dizer, provisoriamente, que a Teologia é a *ciência* racional da fé (religiosa) *enquanto fé*. Esta qualificação provisória se mostrará importante quando se trata de ver a diferença entre Teologia e Ciência da Religião.

Quanto à metodicidade, apontamos a coerência interna, que deve profluir dos adequados métodos descritivos e raciocinantes, indutiva e dedutivamente. A sistematicidade exige a definição material e formal de seu objeto próprio – definição que não é tão evidente assim: Deus ou a fé? Deus enquanto se manifesta na fé, na experiência religiosa? Exige ainda a delimitação em relação a outros conhecimentos (científicos), sobretudo os que têm em parte o mesmo objeto material (a experiência ou a prática religiosa, por exemplo, na psicologia e sociologia da religião). De imediato aparece o caráter dialético dessas exigências: seus espaços se definem mutuamente. Na medida em que a Teologia define melhor seu objeto próprio haverá mais espaço ou espaço mais específico para as outras ciências. Na Idade Média, a Sacra Doutrina ensinava com naturalidade assuntos de física e psicologia. A Modernidade nos mostra a progressiva emancipação da Filosofia e das Ciências (“exatas”, “positivas” etc.) em relação ao saber teológico, que nem sempre admitiu isto de bom grado.

Quanto à criticidade, ou seja, a dimensão epistemológica ou criteriológica, a Teologia passa por uma contínua luta interna. Se Tomás considera a Teologia uma “scientia subalterna”, subordinada às premissas da *scientia divina*, da fé revelada, o recurso à lógica aristotélica como serva da sacra ciência subalterna (“eu estou sob ordens e tenho meus subalternos”, Lc 7,8!) não deixa de introduzir uma instância crítica que eventualmente pode

questionar pelo menos a formulação das premissas da fé. No confronto com a racionalidade moderna essa tensão não diminuiu. Por isso desenvolveu-se nestes últimos séculos a Teologia Fundamental, sobretudo na sua tarefa de refletir sobre o teologizar da Teologia.

Retomando a questão da diferenciação em relação às ciências afins, o objeto da Teologia não parece ser a religião como fenômeno, mas sim *a experiência do Transcendente enquanto tal*. Ora, o que suscita esta experiência é, como tal, inalcançável, por ser transcendente (“ninguém jamais viu Deus”). É revelação, é alcançado somente através da expressão que se dá na fé. Por outro lado, como o Transcendente só é alcançável, para a ciência, e também para a Teologia, na sua experiência humanamente expressa, aparece de imediato que a Teologia tirará muito proveito de outras “servas”, além da lógica aristotélica ou da Filosofia em geral: as Ciências Humanas que focalizam o sujeito que exprime a experiência de Deus. Citamos a Psicologia e a Sociologia da Religião ou ainda as ciências voltadas para a expressão estética. Põe-se aqui a questão da diferença formal com a Ciência da Religião: esta nos parece tematizar as formas religiosas como objeto de percepção e de verificação empírica, e na prática, por vezes, até colocar entre parênteses a fé como vivência e expressão humana da experiência do Transcendente.

O lugar da Teologia no universo das Ciências

Existe a suspeita de que a Teologia talvez seja simplesmente supérflua, porque a religião como fenômeno sociocultural – e é isso que interessa à Ordem e ao Progresso – está sendo estudada em outras ciências. Diante disso convém mostrar que a Teologia ocupa um espaço próprio, porém organicamente ligado ao das outras ciências, ou seja, ao espaço do saber em geral, ao qual ela traz uma contribuição tão considerável quanto insubstituível.

Não é aconselhável embrenharmo-nos no mato da classificação das Ciências: exatas e inexatas, positivas e negativas, humanas e inumanas... Mas algumas coordenadas podem ser úteis. Quanto ao método, eu distinguiria entre as quantificáveis (formalizáveis) e as não quantificáveis (não formalizáveis); quanto ao objeto, entre as que concernem à realidade perceptível em geral e as que concernem à consciência, razão ou mente humana.

Parece, contudo, difícil inserir a Teologia nesse quadro. Talvez a Filosofia e a Teologia sejam ciências (saberes metódicos e críticos) que contemplam o que faz do sistema das ciências e do saber em geral uma unidade coerente. Há quem fale aqui em ciência da totalidade. Mas, depois de Levinas, devemos, no mínimo, observar que se trata de uma totalidade aberta. Na reali-

dade, o que faz de nosso saber uma totalidade em busca de coerência está além dessa totalidade. Este além surge na Filosofia como horizonte e na Teologia como objeto próprio, ainda que através da mediação da experiência. Ambas, cada qual a seu modo, iluminam o limite de nossa consciência. A Filosofia, como limite que anuncia o além do limite, o in-finito; a Teologia, como o Transcendente que se revela nos sinais acolhidos na fé (que toma a forma de religião, de culto, de contemplação, ou qualquer outro nome que se dá à experiência individual e coletiva do Transcendente e sua expressão).

Neste modo de ver, a Filosofia contempla o limite transcendente de modo universal, transcendental. A Teologia contempla a expressão concreta da experiência do limite que se torna revelação do Transcendente, luz que desponta *num lugar único e histórico* desse horizonte. Isso confere à Teologia uma positividade, posição de uma facticidade ineludível – de onde o caráter confessional, ou seja, a apropriação da confissão de fé que exprime a percepção da realidade transcendente em termos não denotativos, mas simbólicos.

Isso implica nova maneira de ver a racionalidade. O paradigma positivista, logicista ou semelhante só atribuía “sentido”, competência de ser verdadeiro ou falso, àquilo que a linguagem denota como correspondente à realidade “objetiva”. A própria filosofia da linguagem, porém, se viu forçada a se livrar deste coleto estreito demais (o segundo Wittgenstein e outros). Os filósofos hermenêuticos falam de uma razão ou racionalidade ampliada. Na *hermeneia* ou interpretação, a palavra não só denota uma realidade unívoca correspondente, mas conota o horizonte que é, em princípio, infinito, e introduz, performativamente, o interlocutor nesse mundo do sentido. Tal pensamento não é um círculo hermenêutico fechado de pré-compreensão e tematização, na qual a razão analítica não consegue entrar, mas a espiral de interpretação e efeito na qual vivemos e que vai desdobrando a potencialidade da verdade que vem à fala. Quem pensa assim vê a Teologia como uma hermenêutica da tradição, experiência e expressão do Transcendente transmitida intersubjetivamente através das gerações. Na tradição judaica e cristã, essencialmente pelas Escrituras vivas que colocam em interação o mundo do texto com o mundo do leitor/da comunidade crente, ou, no dizer de Gadamer, operam a fusão dos horizontes.

Trata-se aqui eminentemente de *atos de sentido*, que são *históricos e situados*: o fato judaico, o fato cristão. Destes fatos a Teologia pode fazer reluzir a racionalidade ampliada que habita sua expressão histórica, concreta, confessional e institucional, abrindo seu sentido até para o interlocutor não-crente.

Evidentemente, o próprio exercício desta racionalidade no âmbito da tradição judaica e cristã nos obriga a admitir e a desejar que algo análogo aconteça com outras tradições comumente chamadas religiosas – ainda que

elas mesmas nem sempre se vejam como religião na aceitação sociocultural corriqueira (p.ex., o budismo), e até teólogos cristãos recusem para a experiência da fé cristã o nome de religião (Barth). Um diálogo com essas outras teologias certamente enriquecerá a própria teologia cristã.

Desafios

Vendo a Teologia, hoje, em nosso contexto, desta maneira, logo se percebem os desafios. Será preciso aprofundar a Teologia Fundamental, tanto em sua função epistemológica de acompanhante crítica do teologizar, como em sua função descritivo-fundadora, que consiste em descrever o fenômeno religioso enquanto dimensão universal do ser humano, presente em múltiplas expressões – função pela qual a Teologia Fundamental é convocada ao diálogo inter-religioso.

A mesma Teologia Fundamental deverá ainda aprofundar a reflexão sobre a racionalidade própria e as consequências disso para a racionalidade *tout court*, no diálogo com as outras ciências. Liberta ela mesma de conceitos estreitos demais, poderá até ajudar suas “companheiras no saber” a redescobrirem a própria missão com olhar mais amplo e desinibido. Pois a liberdade moderna de que se gabam os métodos científicos dominantes é muitas vezes extremamente acanhada quando se trata de perceber o espaço infinito do sentido humano. Dirigindo, sem inibição, embora com admiração e temor numinoso, o olhar para o despontar do Transcendente e para o sentido infinito do que se exhibe em nossa finitude, a Teologia lembra às ciências particulares a sua limitação, prevenindo-as de se imporem – numa guerra dos saberes ou numa manipulação aética – sem consideração do horizonte de princípios últimos. Talvez por isso mesmo a Teologia seja companheira pouco desejada em certos âmbitos científicos...

Se, assim, a Teologia – tanto a Fundamental (epistemológica e explorativa), quanto a Histórico-Sistemática (Hermenêutica?) e a Prática – pode abrir no universo das Ciências um espaço para a compreensão do sentido humano universal/transcendental da facticidade expressa na fé, empiricamente identificável, mas não acessível à mera linguagem denotativa, deverá entrar em diálogo com toda a reflexão em torno da linguagem e da racionalidade, no afã de libertar as Ciências lógico-lingüísticas e as assim chamadas Ciências Humanas do perigo do reducionismo ao abordarem o fenômeno religioso. Condição para tanto é, evidentemente, que a própria Teologia não sucumba ao reducionismo, fazendo da “guinada antropológica” uma redução ao humano imanente.

Debruçando-se sobre a unicidade da experiência da fé no Transcendente que, por assim dizer, fura histórica e concretamente o horizonte

transcendental, a Teologia se torna aliada de uma racionalidade que pode abordar a cultura *in genere*, como também, *in specie*, a cultura brasileira, profundamente marcada pela linguagem e pelo imaginário religioso.

Enfim, cabe considerar a Teologia em relação com a comunidade da fé, na qual ela tem seu *Sitz-im-Leben*, tanto como Teologia em geral, elucidando a racionalidade da revelação e da fé em Deus, quanto como Teologia especial de uma determinada configuração, Teologia confessional.

Cabe aqui uma palavra sobre Teologia e aprendizagem dos ministros religiosos. A Teologia, embora nascida do serviço à fé, não vive confinada no quadro ministerial. A fé em Deus é de domínio público, e sua Ciência também... Mas isso não elimina o fato de que a Teologia serve *também* para a formação de agentes ou ministros de religião. A este respeito vale observar que essa formação deverá servir, então, para compreender a experiência do Transcendente em configuração humana, não para sufocá-la com fórmulas esclerosadas e práticas autoritárias, e tampouco para edulcorá-la em formas publicitárias e midiaticamente interessantes. Sirva em primeiro lugar para que o candidato a ministro compreenda sua própria fé. A "fides quaerens intellectum" torna-se então a fé em busca de ser compreendida e amada como Sabedoria.

Johan M. H. J. Konings SJ, Doutor em Teologia e Mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Leuven (Lovaina), Bélgica, é professor de exegese bíblica na FAJE em Belo Horizonte-MG. Entre outras obras publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da Liturgia* (São Paulo: Loyola 1997); *A Palavra se fez livro* (2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002); *Liturgia Dominical: Mistério de Cristo e formação dos fiéis: anos A - B- C* (2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003); *Ser cristão* (3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004); *Evangelho segundo João: amor e fidelidade* (2ª ed., São Paulo: Loyola, 2005); *A Bíblia nas suas origens e hoje* (6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006). É responsável pela coordenação da *Bíblia: Tradução Ecumênica* (São Paulo: Loyola, 1994), da *Bíblia Sagrada: Tradução da CNBB* (5ª ed. Brasília: CNBB, 2007), e da tradução brasileira de H. DENZINGER / P. HÜNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral* (São Paulo: Loyola, Paulinas, 2007).

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Bairro Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG
e-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br